



Reflexões sobre  
**a filosofia**  
e seu ensino

Marcelo Máximo Purificação  
Keffn Karine Arantes Andrade  
Marcos Gomes Camilo  
(Organizadores)



Reflexões sobre  
**a filosofia**  
e seu ensino

Marcelo Máximo Purificação  
Keffn Karine Arantes Andrade  
Marcos Gomes Camilo  
(Organizadores)

<b>Editora chefe</b>	
Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira	
<b>Editora executiva</b>	
Natalia Oliveira	
<b>Assistente editorial</b>	
Flávia Roberta Barão	
<b>Bibliotecária</b>	
Janaina Ramos	
<b>Projeto gráfico</b>	
Natália Sandrini de Azevedo	
Camila Alves de Cremo	2021 by Atena Editora
Luiza Alves Batista	Copyright © Atena Editora
Maria Alice Pinheiro	Copyright do texto © 2021 Os autores
<b>Imagens da capa</b>	Copyright da edição © 2021 Atena Editora
iStock	Direitos para esta edição cedidos à Atena
<b>Edição de arte</b>	Editora pelos autores.
Luiza Alves Batista	Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

#### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Cândido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Reflexões sobre a filosofia e seu ensino

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Marcelo Máximo Purificação  
Keffn Karine Arantes Andrade  
Marcos Gomes Camilo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre a filosofia e seu ensino / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Keffn Karine Arantes Andrade, Marcos Gomes Camilo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5983-547-8  
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.478212709>

1. Filosofia. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Andrade, Keffn Karine Arantes (Organizador). III. Camilo, Marcos Gomes. IV. Título.  
CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## **DECLARAÇÃO DOS AUTORES**

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declararam que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## **DECLARAÇÃO DA EDITORA**

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## **APRESENTAÇÃO**

Caros leitores, saudação.

Um dos radicais que marca a reflexão filosófica é o movimento com que gira o pensamento. Esse movimento reflexivo amplia a relação de diálogo com diversas outras áreas do conhecimento. No ensinar, acompanha criticamente as atividades e oportunidades de geração de conhecimento. No aluno, a reflexão filosófica pode garantir o desenvolvimento do pensamento independente. Este e-book intitulado “Reflexões sobre filosofia e seu ensino” encontra-se estruturado em 4 capítulos temáticos desenvolvidos por pesquisadores da UERJ, UFCG, FFPB e colaboradores. O primeiro capítulo, fundamenta-se no interesse do marxismo althusseriano – especialmente em sua extensão na filosofia da linguagem, operada por Michel Pêcheux –. O segundo capítulo, apresenta o uso das categorias teóricas construídas por Foucault e aprimoradas por foucaultianos como instrumento de análise dos discursos pedagógicos enquanto instrumentos de subjetivação e estetização. O terceiro capítulo, objetivou a discussão de temas extraídos da saga Harry Potter, que mixam fantasia e mistério onde as narrativas estão permeadas por vários problemas sociais: preconceitos, problemas étnicos, disputa de poder, status social, igualdade, tolerância e liberdade. O quarto capítulo, trata-se de debater os caminhos e os resultados de uma proposta de curso que subverte a hegemonia do pensamento ocidental no currículo de filosofia para dialogar com outras vozes, corpos e experiências significativas para a filosofia da educação. Uma obra com um aparato rico em discussões que muito podem contribuir com a reflexões filosófica e seu ensino. Desejamos a todos/as uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação

Keffn Karine Arantes Andrade

Marcos Gomes Camilo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1.....</b>	<b>1</b>
CONSTITUINDO UM ESPAÇO DE RELAÇÃO ENTRE O INSTITUCIONALISMO E O MARXISMO ALTHUSSERIANO	
Estêvão de Carvalho Freixo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4782127091">https://doi.org/10.22533/at.ed.4782127091</a>	
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>20</b>
EDUCAÇÃO, SUBJETIVAÇÃO E ESTETIZAÇÃO	
José Nilton Conserva de Arruda	
Marianne Sousa Barbosa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4782127092">https://doi.org/10.22533/at.ed.4782127092</a>	
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>31</b>
HARRY POTTER E A FILOSOFIA	
Antunes Ferreira da Silva	
Luana Alves da Cunha	
Aldenilo Alves Correia	
Mayra Martins de Almeida	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4782127093">https://doi.org/10.22533/at.ed.4782127093</a>	
<b>CAPÍTULO 4.....</b>	<b>46</b>
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO MUNDO (EXTRA-)OCIDENTAL: NOTAS DE UMA EXPERIÊNCIA DECOLONIAL NO ENSINO SUPERIOR	
Diego dos Santos Reis	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4782127094">https://doi.org/10.22533/at.ed.4782127094</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>	<b>57</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>59</b>

# CAPÍTULO 2

## EDUCAÇÃO, SUBJETIVAÇÃO E ESTETIZAÇÃO

Data de aceite: 24/09/2021

Data de submissão: 09/07/2021

**José Nilton Conserva de Arruda**

Universidade Estadual da Paraíba,  
Departamento de Filosofia,  
Campina Grande, PB  
<http://lattes.cnpq.br/1506168551650368>

**Marianne Sousa Barbosa**

Universidade Federal de Campina Grande,  
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais,  
Campina Grande, PB  
<http://lattes.cnpq.br/8176700264286575>

**RESUMO:** O trabalho propõe apresentar o uso das categorias teóricas construídas por Foucault e aprimoradas por foucaultianos como instrumento de análise dos discursos pedagógicos enquanto instrumentos de subjetivação e estetização. Os discursos pedagógicos correntemente associam como função principal da educação um papel crítico e transformador, porém a medida em que delegam para a educação essa responsabilidade na formação da cidadania, alegam que nem todos os discursos e práticas pedagógicas conseguem realizar esse intento. Argumentamos que todas as pedagogias são sistematizadas como resposta às relações entre os saberes que são eleitos como essenciais para o processo educativo e os mecanismos de poder que estão envolvidos tanto na produção do próprio saber, quanto na constituição da subjetividade dos educandos.

Em cada modelo pedagógico se efetiva uma relação de força que envolve uma modelação do comportamento dos indivíduos que interessa aos propósitos das forças hegemônicas na sociedade, e as escolhas que esses mesmos indivíduos fazem para se afirmarem como sujeitos autônomos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Foucault; Educação; Subjetivação; Estetização.

### EDUCATION, SUBJECTIVATION AND AESTHETICIZATION

**ABSTRACT:** The paper proposes to present the use of the theoretical categories constructed by Foucault and improved by Foucauldian as an instrument of analysis of pedagogical discourses as instruments of subjectification and aesthetization. The pedagogical discourses currently associate as a main function of education a critical and transformative role, but the extent to which they delegate to education this responsibility in the formation of citizenship, argue that not all pedagogical discourses and practices can achieve this. We argue that all pedagogies are systematized as a response to the relationships between the knowledge that is elected as essential for the educational process and the mechanisms of power that are involved both in the production of knowledge itself and in the constitution of the subjectivity of learners. In each pedagogical model a relationship of force that involves a modeling of the behavior of individuals that interests the purposes of the hegemonic forces in the society and the choices that these same individuals make to assert themselves as autonomous subjects is effective.

**KEYWORDS:** Foucault; Education; Subjectivation; Aesthetization.

## 1 | INTRODUÇÃO

O propósito do trabalho é estabelecer as possíveis relações entre as categorias de *educação*, *subjetivação* e *estetização*, desenvolvido a partir de uma abordagem foucaultiana, isto é, explorando categorias bem específicas do pensamento de Foucault, sobretudo aquelas que dizem respeito às suas tematizações sobre o poder - saber e aquelas outras voltadas ao compreender a vivência ética na modernidade. Foucault nos convidou a pensar o poder em seus aspectos mais positivos, aqueles que constantemente nos assediam visando alcançar o nosso consentimento. O poder que incentiva, solicita estimula e consente. Julga ele que tal realização nos conduziria à superação de impasses teóricos presentes nas teorias que insistem na negatividade do poder: impede, proíbe, impõe, no limite é violento. No campo da ética fomos desafiados a retomar aspectos das éticas helenistas, que se diferenciam do forte racionalismo das éticas clássicas, e fazem com que a vivência ética seja relacionada com o *cuidado de si*, a *ascese*, a *espiritualidade* e, por fim, a todo um *modo de vida* que decorreria dos procedimentos de *estetização*, da escolha livre dos valores, das regras de vivência e convivência. Pensada dessa maneira, o problema de como efetivar a autonomia na vivência ética frente às forças de pressão social é equacionada por uma dada *estetização da existência* que contornaria a força de controle das nossas sociedades normalizadas e normalizadoras e, de quebra, permitiria uma subjetivação construída pelo indivíduo numa contínua luta contra as subjetividades impostas.

## 2 | A RECUSA DE CATEGORIAS ANALÍTICAS UNIVERSALIZANTES

Refletir sobre a educação a partir do pensamento de Foucault, implica retomar algumas categorias que foram utilizadas para analisar e descrever outros processos sociais, pois ele não realiza um estudo específico sobre a educação, mas essa realidade vai aparecendo tangencialmente a outras realidades analisadas, como no seu demorado estudo sobre os métodos punitivos, mecanismos de controle e poder apresentados em *Vigiar e punir*. Assim, nessa e em outras obras publicadas por Foucault, encontramos categorias bastante adequadas para se pensar acerca da educação como um processo de transmissão de saberes e consequentes subjetivações, modelamentos de comportamentos e inserção nas estruturas sociais. Destacamos os principais conceitos que dizem respeito a essa realidade: *saber*, *conhecimento*, *pedagogia*, *poder*, *controle*, *esclarecimento*, *ética* e *política*. Porém, suas intervenções são sempre feitas de modo pontual, tratando de uma realidade específica, nunca de forma geral e afastada da história das instituições e temas analisados.

Tomar como fio condutor de todas essas análises [referindo-se a suas obras] a questão da relação entre o sujeito e a verdade implica determinadas escolhas de método. E, antes de tudo, um ceticismo sistemático a respeito de todos os universais antropológicos, o que não quer dizer que se os rechace desde o início, em bloco e de uma vez por todas; mas que não há que admitir nada desta ordem que não seja rigorosamente indispensável. Tudo o que nos é proposto, em nosso saber, como sendo de validade universal a respeito da natureza humana ou das categorias que se pode aplicar ao sujeito exige ser verificado e analisado (FOUCAULT apud CASTRO, 2009, p. 407).

Há sempre nas suas abordagens uma preocupação em afastar-se dos *desvios universalizantes*, isto é, da construção de doutrinas e modelos que pudessem ser aplicados de modo quase automáticos, sem considerar a especificidade dos objetos analisados, pois “com frequência, ele argumenta que não defendia teorias ou metodologias que devessem ser adotadas em seguida” (MARSHALL, 2008, p. 25). Sendo assim, é necessário compreender como os seus instrumentos de análise são desenvolvidos e aplicados, de forma que possamos problematizar a eficácia de suas teses, a operatividade de seus conceitos, na compreensão da educação, sem transformar seu pensamento em modelo metafísico, em um esquema fora da história e que tenha validade universal. Muitos especialistas na obra de Foucault apontam como o seu pensamento costuma ser deformado para possibilitar o desenvolvimento de determinadas abordagens no campo da educação. Dessa forma, as categorias foucaultianas são apresentadas, justificadas por meio de uma citação do próprio autor, mas as consequências que são extraídas na verdade distorcem o seu pensamento, e muitas vezes o colocam em paralelo com teorias que ele efetivamente combateu., como controle ideológico, transformação revolucionária, saber verdadeiro. (PETERS & BESLEY, 2008).

Entendemos que devemos atentar para as observações acima, porém sem a ilusão de que existe uma interpretação única e correta do autor. Na verdade, a preocupação deve ser em não domesticar o seu pensamento, esvaziar suas intervenções políticas e dar ao seu pensamento o status de universalidade. As categorias analíticas que foram utilizadas em estudos específicos, não se esgotam naqueles estudos – loucura, medicina, saber, poder, prisões, sexualidade, ética, espiritualidade -, mas também não servem para aplicações categorizantes em qualquer situação, pois “mesmo não havendo uma leitura correta e verdadeira, há interpretações de Foucault que são de fato más, erradas e distorcidas” (PETERS & BESLEY, 2008, p. 13- 14). São muitas as denúncias dos estudiosos de Foucault a respeito dessas distorções na pesquisa educacional. Por essa razão, apresentaremos alguns elementos do seu pensamento, porém associados aos diferentes estágios do seu percurso intelectual. Acreditamos que Foucault possibilita compreender as realidades fundamentais dos processos educacionais – aluno, professor, saber, pedagogia, etc. – em termos de uma genealogia da subjetividade, de uma investigação que potencializa compreender os efeitos da educação e das pedagogias tanto como procedimento de disciplinarização, de

práticas efetivas de controle, e não como um mero exercício pedagógico de transmissão do conhecimento. Assim, apresentaremos os quadros teóricos nos quais essas categorias foucaultianas são devidamente compreendidas e quais usos elas possibilitam:

Os estudos sobre Foucault na educação oferecem ferramentas para análise que acabaram por inspirar abordagens históricas, sociológicas e filosóficas que cobrem uma gama desconcertante de tópicos: genealogias de alunos, estudantes, professores e orientadores; as construções sociais das crianças, adolescentes e jovens; epistemologias sociais da escola em sua forma institucional em mudança, e estudos sobre a emergência das disciplinas; estudos filosóficos dos conceitos educacionais que cresceram com o humanismo europeu, especialmente nas suas formações do Iluminismo e especificamente kantianas, focalizando os conceitos-chave: homem, liberdade, autonomia, punição, governo e autoridade ((PETERS, 2008, p. 191 - 192).

Convencidos dessa operatividade das categorias foucaultianas, propomos uma apresentação bem contextualizada do seu pensamento, de modo que as conceitualizações apresentadas nas suas análises arqueológicas e genealógicas possam ser utilizadas na pesquisa educacional.

A obra de Foucault costuma ser apresentada a partir de três estágios fundamentais: o do Saber, o do Poder e o da Subjetivação. Em cada um desses estágios ele procurou circunscrever uma dimensão fundamental das nossas vivências. Para nortear suas pesquisas, ele apôs uma questão para cada dimensão: *O que podemos saber, ou o que é possível ser tematizado e dito em um dado contexto?* Responder a essa questão implica construir categorias que possam dar conta da realidade do saber, das funções dos nossos discursos e conhecimentos. *Quais são os poderes que precisam ser compreendidos e enfrentados?* Suas análises voltam-se então para a compreensão das diferentes maneiras das relações de poder realizar-se e das possibilidades reais de resistência em cada contexto. *Por fim, ele se pergunta sobre os modos de existência possíveis, isto é, como se dão os nossos processos de subjetivação?* Compete agora compreender a relação dos dois primeiros estágios, o saber e o poder, com o terceiro estágio que diz respeito à constituição das nossas subjetividades.

Veja-se a habilidade dos poderes modernos que recorrem a uma 'tática individualizante', especificando, por exemplo, o objetivo de 'nível de vida correto' segundo os grupos de indivíduos considerados, aos quais os meios de comunicação propõem modelos diferentes. Na verdade, trata-se aqui de uma pseudo-individualização que submete tanto mais a individualidade às normas quanto se pode diversificar superficialmente estas normas. A individualização tornar-se, pois, uma forma da subjetivação, um aspecto particularmente sutil do processo de submissão. Consequentemente, conclui Foucault, para se contrapor a este processo é preciso não tanto 'liberar o indivíduo do Estado e de suas instituições', mas sim 'nos libertarmos *nós mesmos do Estado* e do tipo de individualização daí decorrente (FERRY & RENAUT, 1988, p. 145).

Articulando esses blocos conceituais da análise foucaultiana dispomos de

categorias que nos permitem dialogar com os discursos pedagógicos e, ao mesmo tempo, desenvolver o tema da subjetivação, pois a analítica do poder e a estetização da existência desenvolvidas por Foucault buscam justamente compreender o modo como constituímos a nossa subjetividade e nos inventamos enquanto sujeitos. Procuramos analisar como essa específica compreensão da subjetivação interpela os discursos pedagógicos que se afirmam como transformadores.

### 3 I EDUCAÇÃO COMO BASE PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA

Há uma visão bastante consolidada nos discursos pedagógicos, em diferentes autores, estudiosos e militantes, e nos documentos e projetos governamentais, que insiste em compreender a educação a partir de uma função maior que lhe é atribuída: educar para a cidadania. Esse modo de compreender o papel da educação delega a ela a responsabilidade por uma transmissão do saber que modele a identidade dos educandos de forma a serem comprometidos com as transformações políticas e sociais, de se engajarem na construção de uma sociedade postulada como ideal. Porém, essa não é uma realidade que tem sido constatada pelos mais diferentes estudos, análises e estatísticas, o que leva a suspeitar de um descompasso entre os discursos e as práticas pedagógicas efetivas. As categorias foucaultianas permitem problematizar esse modo de compreender a função da educação e dos discursos pedagógicos que lhes dão sustentação, pois ao tematizar a forte relação que há entre o poder e o saber, afastam as pretensões das pedagogias críticas de se apresentarem como sendo promotoras do papel transformador na sociedade, de a escola ser o canal por excelência de construção dessa nova realidade.

Assim, firma-se a compreensão de que o sistema educacional e a escola funcionam mais como modeladores do comportamento dos indivíduos que interessa às atuais exigências da sociedade e aos propósitos do poder, do que como fator de transformações políticas e sociais, pois o saber escolar é tomado como a contraface do poder, não como o instrumento de contestação ao poder. Com relação aos discursos pedagógicos fortemente marcados por propósitos transformadores, revolucionários ou libertários, que de qualquer forma induzam à expectativas utópicas para a educação, o discurso foucaultiano é bastante desanimador, pois “as regras da formação discursiva não são a invenção do pesquisador, mas, antes, o *histórico a priori* de uma comunidade de pesquisa dinâmica” (PETERS in PETERS & BESLEY, 2008, p. 196). Essa é razão pela qual afirmamos que a abordagem foucaultiana apresenta elementos que problematizam o papel transformador da educação. Porém, não são somente esses discursos que são visados por suas abordagens, outros pressupostos essenciais para se pensar a educação sofrem uma profunda contestação:

Em todos os casos, o arquivo foucaultiano oferece uma abordagem para a problematização de conceitos e práticas que pareciam resistentes a uma análise mais profunda **antes** de Foucault – em outras palavras, que pareciam ossificadas e destinadas a uma repetição interminável na compreensão e

na interpretação acadêmicas. *Depois* de Foucault, é como se devêssemos revisitar a maior parte das questões importantes relacionadas a poder, conhecimento, subjetividade e liberdade na educação (PETERS, 2008, p. 192).

O desenvolvimento dessas tematizações foucaultianas exige uma modificação no modo como compreendemos a relação das nossas linguagens, palavras e discursos com as coisas, com a realidade e práticas efetivas. Devemos atentar para algumas exigências advindas do seu pensamento:

Primeira delas, compreender que nossas lutas (e pesquisas) sempre têm a ver com linguagem, já que estamos continuamente envolvidos com lutas discursivas; segunda atitude, atentar para a ideia de que palavras e coisas dizem respeito a fatos e enunciados que, a rigor, são “raros”, isto é, não são óbvios, estão para além das “coisas dadas”; terceira, que fatos e enunciados referem-se basicamente a práticas, discursivas e não discursivas, as quais constituem matéria-prima de nossas investigações, seja em que campo estas se concentrem, e dizem respeito sempre a relações de poder e a modos de constituição dos sujeitos individuais e sociais; finalmente, a atitude de entrega do pesquisador a modos de pensamento que aceitem o inesperado, especialmente aqueles que se diferenciam do que ele próprio pensa (FISCHER, 2003, p. 372).

Podemos acordar com essa interpretação postulada por Fischer quanto a necessidade de se desenvolver uma relação nova com as práticas discursivas e se deixar interpelar por conhecimentos que nem sempre estarão em sintonia com o que já se pensa e aceita. Antes de postularmos qualquer prática como transformadora, crítica ou politicamente comprometida com determinados ideais sociais, devemos levar avante uma análise rigorosa dos discursos, dos seus compromissos e efeitos, mas não no sentido óbvio, e muitas vezes voluntarista e superficial. A genealogia das práticas discursivas permite compreender a complexidade e sutilezas dos mecanismos de dominação.

## 4 | UMA POSSÍVEL RELAÇÃO DOS DISCURSOS COM A REALIDADE

Uma característica importante do pensamento foucaultiano é sintetizada na contraposição que ele apresentou entre o *vê* e o *dizer*, insistindo em não se estabelecer qualquer equivalência entre lógica e ontologia, ou na sua expressão mais consagrada entre as *palavras* e as *coisas*, em outras palavras, aquilo que se diz está, sempre e inexoravelmente, condicionado pelo ato de dizer. Na interpretação foucaultiana, o saber se realiza como uma composição que envolve tanto o ver quanto o falar, mas há sempre uma diferenciação entre essas duas formas de manifestação do saber. Os enunciados nunca permitem a visibilidade de qualquer coisa, da mesma forma que a visibilidade de qualquer coisa não a torna uma realidade legível. Daí a razão de em *As palavras e as coisas*, Foucault afirmar que “por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz” (FOUCAULT, 1992, p. 25), anuncia-se portanto a complexidade do

relacionamento entre as duas ordens de realidade, pois “por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aqueles que as sucessões da sintaxe definem” (FOUCAULT, 1992, p. 25). O distanciamento entre as palavras e as coisas, aqui enfaticamente afirmado, permite sempre um espaço de reação ao modo como os mais diferentes saberes, sobretudo o científico, pretendem normatizar a nossa subjetividade, limitar o nosso espaço de escolha, de invenção de modos de ser e conhecer.

Cada um dos pares do binômio, palavras e coisas, está sempre em excesso ou carência em relação ao outro. Daí que qualquer pretensão de correspondência entre as teorias e o mundo que elas pretendam descrever ou representar, não encontram espaço teórico para se desenvolverem no modo com Foucault concebe as teorias nem também na sua arqueologia dos processos racionais e sociais. Além do mais, a pretensa correspondência ou originalidade de uma proposta teórica não depende das intenções transformadoras ou inovadoras do autor que a propõe, de modo que se pode afirmar “as formas originais de pensamento se introduzem por si mesmas. Sua história é a única forma de exegese que elas suportam, e seu destino a única forma de crítica”. (ERIBON, 1990, p. 14). Portanto, o que possibilita compreender a natureza crítica, a eficácia ou operatividade de uma proposta teórica é a sua própria história que nunca é traçada de antemão. Essa particular percepção da função das nossas teorias e de suas relações com as nossas práticas, motivam uma análise de suas repercussões na pesquisa educacional.

Dessa forma, ele nos ajuda a afastar qualquer discurso ingênuo sobre a função transformadora da educação, pelo menos aqueles discursos que apresentam a educação como sendo o espaço fundamental para se resistir à força invasora do poder. Cada modelo pedagógico produz o seu consequente componente de dominação. No horizonte da compreensão aqui apresentada não há qualquer possibilidade de um determinado modelo pedagógico ser portador de uma mensagem que conduza os indivíduos à transcenderem os mecanismos de dominação, pois o indivíduo não é concebido como o outro do poder, mas como um de seus mais imediatos produtos.

No que diz respeito à pedagogia, Julia Varela afirma que, nas transformações operadas ao longo dos séculos XVIII ao XX, podemos também identificar nitidamente três tipos de pedagogias, em correspondência com os períodos históricos em que entram em operação – as pedagogias disciplinares, as corretivas e as psicológicas, estas últimas em expansão na atualidade. Todas elas implicadas com ‘diferentes concepções do espaço e do tempo, diferentes formas de exercício do poder, diferentes formas de conferir um estatuto ao ‘saber’ e diferentes formas de produção da subjetividade. (COSTA Apud ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 279).

Para Foucault, o sujeito não é o outro do poder, aquele que é visado pelo poder, seja para controlá-lo ou reprimi-lo, pois o sujeito não é compreendido como uma realidade externa aos mecanismos de poder e saber, mas como um dos seus principais efeitos. Assim,

para ele não faz sentido pensar que alguns sujeitos possam se colocar externamente ao poder e de fora denunciar a sua força invasora, propor resistências utópicas. Assim, o que se efetivamente contesta aqui é o papel de liderança atribuído a alguns personagens que se insinuam como autores ou portadores de discursos críticos e transformadores, e ao mesmo tempo atores das transformações sociais. O papel transformador competirá as escolhas que cada indivíduo fará com autonomia e liberdade.

## 5 I A ESTETIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA

O espaço concreto de liberdade é pensado como uma estetização da existência, isto é, o indivíduo que nunca pode se colocar fora do social com seus consequentes mecanismos de poder, procura eleger valores, práticas, ações, dentre as realmente possíveis para constituir a sua própria subjetividade. Dentro desse espaço real de poder o indivíduo estetiza sua existência, inventa o seu espaço real de resistência. No âmbito dessa compreensão das relações de poder e da constituição da subjetividade, não se concebe que exista uma dominação legítima, construída teoricamente pelas pedagogias críticas e transformadoras, para em nome dela se opor a uma dominação ilegítima. Foucault certa vez afirmou, *somos todos uns dominados*, resta entender como lutar por possíveis espaços de resistência.

Pode-se compreender a educação – certamente incluída aí a educação escolar – como o processo pelo qual os outros são trazidos ou conduzidos para a nossa cultura, sejam eles recém-chegados – crianças e estrangeiros de todo tipo -, sejam eles os ‘inclusíveis’ – anormais e estranhos. Ao educar o outro, nós o aproximamos da nossa morada, do nosso domínio, graças a variadas formas de dominação que estabelecemos *com* ele e, muitas vezes, *sobre* ele. Na contramão do discurso pedagógico hegemônico no Brasil, entendo que o caráter da dominação dos processos educacionais nada tem, em si, de lamentável. Mais do que isso, não há nem mesmo como imaginar uma cultura, qualquer cultura, sem ações continuadas e minuciosas ‘daqueles que já estavam aí’ sobre ‘aqueles que não estavam aí’, de modo a incorporá-los aos códigos, saberes, crenças, práticas, representações, valores e tudo o mais que compõe uma cultura e que ‘já estava aí’. (VEIGA-NETO Apud RAGO, 2006, p. 30).

A subjetivação resulta do regime de poder-saber desenvolvido e legitimado pelas práticas pedagógicas, instaurando uma subjetividade imposta, porém legitimada por meio desses mecanismos que se justificariam por meio da pretensão de se constituírem como práticas e discursos verdadeiros. Frente a eles Foucault tematiza uma possibilidade de resistência na estetização da existência, no fazer da vida uma obra de arte, é o que ele chama de prática ascética, recuperando o sentido antigo de ascetismo, tal como foi compreendido no helenismo, não o sentido de uma moral da negação, da renúncia, mas em um sentido positivo de exercício de si sobre si mesmo, cujo objetivo é se constituir atingindo um certo modo de ser. (FOUCAULT, 2004). Portanto, o que é enfatizado é a possibilidade

real de liberdade, de invenção de subjetividades alternativas, não obstante a força invasora do complexo poder-saber. Dessa forma, sem postular qualquer utopia, as análises foucaultianas denunciam o aspecto de dominação presente nas práticas pedagógicas, e, ao mesmo tempo, explicitam as potencialidades de transformação e resistência.

O sistema educacional como um todo, e a escola de modo particular, são os exemplos mais eloquentes de como operam os dispositivos de subjetivação: o modo como o espaço físico é organizado, como as relações hierárquicas são estabelecidas, como as regras de bom funcionamento do espaço e do correto comportamento dos indivíduos atuam. A instituição educacional veicula práticas, saberes e valores que são internalizados pelos indivíduos, exercendo um papel fundamental no processo de subjetivação. Como esse processo não é de todo consentido, então instaura-se um espaço que é ao mesmo tempo de subjetivação e de resistência. Não há no pensamento de Foucault uma condenação gratuita ou libertária do sistema educacional, pois há nele um aspecto positivo na transmissão do saber, mas devemos estar alertas quanto ao poder invasor que aí pode operar: O sistema educacional funciona tanto como um espaço de constituição da subjetivação quanto de resistência aos mecanismos que geram a subjetivação, possibilitando uma estetização da existência.

## 6 I CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises foucaultianas apontam a função disciplinar das escolas e o papel controlador da educação na modernidade, seu papel fundamental no exercício das relações de poder/saber, possibilitando compreender como a escola desenvolve um papel pré-determinado pela sociedade disciplinar, tal papel se limita a instruir ou reproduzir conhecimentos. Sendo assim, o sujeito (aluno) é visto como um objeto a ser treinado. Diante desta realidade, faz-se necessário repensar o ideal de uma educação emancipadora, pois os discursos sempre operam no âmbito das relações de poder-saber, não há um espaço no qual o discurso possa colocar-se na neutralidade, sem produzir os efeitos de disciplinamento e controle. A análise foucaultiana desgasta a ideia utópica de um discurso crítico e emancipador, que conseguisse desvencilhar-se das malhas do poder. No entanto seu pensamento não é conformista, pois acena com a possibilidade de uma escolha consentida dos valores, uma estetização da existência.

Repensar a educação à luz do pensamento foucaultiano nos faz perceber que as convicções e os argumentos pedagógicos críticos podem se tornar, na verdade, mais um mecanismo de disciplinamento da própria conduta dos indivíduos, do seu modo de pensar e ver as coisas, pois os sujeitam a certas regras e determinados objetivos, emancipatórios ou não. Nesse sentido, o saber escolar possui a potência de transformar os indivíduos, o seu modo de ver, o seu modo de ser e de agir, na medida em que os leva a converterem as verdades acerca da vida e do mundo, concebida ou veiculadas pela tradição escolar, em

suas próprias verdades. Neste sentido, os discursos pedagógicos acabam marginalizando o próprio conhecimento dos alunos em relação aos saberes, à vida social e política, na medida em que acreditam que através dos saberes críticos selecionados, propostas curriculares, vivências escolares é possível transformar o modo de ser dos indivíduos, transformando-os em sujeitos de consciência e moral superiores.

Por fim, à luz da abordagem foucaultiana o papel dos discursos transformadores e dos seus portadores, aqueles que se atribuem uma missão de transformação em nome das verdades das quais são os guardiões, são colocados todos em um mesmo plano discursivo, submetidos às mesmas regras de formação e transformação, portanto dependendo das justificações que são sempre históricas, sociais e políticas, mas que nunca têm justificativas prévias, lógicas, epistemológicas ou políticas. Somente na realidade histórica é que um discurso ou prática se justificará como emancipatória ou de dominação.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.; VEIGA-NETO, A (Org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CASTRO, Edgar. **Vocabulário de Foucault**. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault: 1926-1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERRY, Luc & RENAUT, Alain. **Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo**. Tradução Roberto Markenson e Nelci do Nascimento. São Paulo: Editora Ensaio, 1988.

FISCHER, R. M. BUENO. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 21, n. 02, p. 371-389, jul./dez. 2003.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Tradução Laura fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ética, sexualidade e política**. (Ditos e Escritos V). Tradução Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

MARSHALL, James D. Michel Foucault: Pesquisa Educacional como problematização. In: PETERS, M.A.; BESLEY, T. (Org.). **Por que Foucault: novas diretrizes para a pesquisa educacional**. Tradução Vinicius Figueira Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 25-39.

PETERS, M. A. Pesquisa Educacional: os “jogos da verdade” e a ética da subjetividade. In: PETERS, M.A. & BESLEY, T. (Org.). **Por que Foucault: novas diretrizes para a pesquisa educacional**. Tradução Vinicius Figueira Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 189-200.

RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Org.) **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa.** Tradução Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

## **ÍNDICE REMISSIVO**

### **A**

Análise institucional 1, 2, 3, 4, 18

Antirracismo 46

### **C**

Criticidade 31, 43

### **D**

Descolonização curricular 46

### **E**

Educação 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 37, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Educação das relações étnico-raciais 46

Estetização 20, 21, 24, 27, 28

Eurocentrismo 46, 49, 55, 56

### **F**

Filosofia 1, 3, 12, 13, 17, 20, 31, 32, 33, 34, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Filosofia da educação 46, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55

Foucault 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 44

### **I**

Institucionalismo 1, 3, 4, 6, 8, 9, 17

### **L**

Literatura 31, 33

### **M**

Marxismo 1, 2, 3, 4, 6, 8, 12, 14, 17

### **P**

Psicanálise 1, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 16, 17

### **S**

Subjetivação 20, 21, 23, 24, 27, 28, 57



Reflexões sobre  
**a filosofia**  
e seu ensino

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



Reflexões sobre  
**a filosofia**  
e seu ensino

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/@atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)